

# Entre arte e ciência: um relato sobre as contações de histórias realizadas no Instituto Butantan de 2009 a 2014

---

*Between art and science: an account of storytelling at the Butantan Institute from 2009 to 2014*

**Juliane Quinteiro Novo<sup>1</sup>**

---

1. Bióloga, pós-graduada em Museologia, Educação em Saúde, História da Ciência e Comunicação pelo Programa de Aprimoramento do Instituto Butantan, e especialista na Arte de Contar Histórias – Abordagens poética, literária e performática pela Casa Tombada e Faculdade de Conchas e atua como educadora no Museu Histórico do Instituto Butantan situado na Avenida Vital Brasil, 1500 – Butantã – São Paulo – SP. CEP: 05503-900. E-mail: juliane.novo@butantan.gov.br

---

## **Resumo**

O Instituto Butantan é um órgão do Governo do Estado de São Paulo que atua na área da Saúde Pública com a produção de imunobiológicos, com o desenvolvimento de pesquisas científicas e com a promoção de ações culturais e de divulgação científica. Este relato de experiência descreve, de forma cronológica, como a arte de contar histórias foi utilizada pela equipe do educativo dos museus para instigar a curiosidade de assuntos científicos e de saúde pública e, assim, aproximar de forma lúdica os visitantes dos trabalhos desenvolvidos por esta instituição.

## **Palavras-chave**

contação de história, ciências humanas, arte, educação, atividades humanas.

## **Abstract**

The Butantan Institute is a department of the Government of the State of São Paulo that works in the area of Public Health with the production of immunobiological products, with scientific

2. Decreto nº 55.315, de 5 de janeiro de 2010 - Altera a denominação da Divisão de Desenvolvimento Cultural, do Instituto Butantan, da Coordenadoria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos de Saúde, da Secretaria da Saúde, para Centro de Desenvolvimento Cultural, dispõe sobre sua organização, transfere o Museu de Saúde Pública “Emílio Ribas” e dá providências correlatas.

researches and the promotion of cultural, educational and science dissemination actions. The article describes in a chronological way how the art of storytelling was used by the museum's educational team to stimulate the curiosity about science and public health issues and thus to bring the visitors closer to the works developed by this institution.

### **Keywords**

*storytelling, humanities, art, education, human activities.*

## **1. Introdução**

O Instituto Butantan é uma instituição centenária, fundada em 1901, tendo como primeiro diretor o médico e cientista Vital Brazil. Há 116 anos o Instituto trabalha na área da Saúde Pública com a produção de imunobiológicos, o desenvolvimento de pesquisas científicas e a promoção de ações culturais e de educação em saúde. É um órgão da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo e pioneiro na capital paulista em popularizar a ciência. Atualmente possui quatro museus: Museu Biológico, Museu de Microbiologia, Museu Histórico e Museu de Saúde Pública Emílio Ribas (Ibanez et al., 2005; Martins, 2012).

O Centro de Desenvolvimento Cultural<sup>2</sup>, é a área que abrange os museus do Instituto Butantan, a biblioteca e outros setores que criam, desenvolvem, executam e organizam cursos de divulgação científica e de extensão universitária, materiais didáticos, exposições de longa duração, temporárias e itinerantes, guias para visitantes escolares e espontâneos, além de promover eventos culturais.

Desde 2011, o Centro de Desenvolvimento Cultural promove o evento chamado “Férias no Butantan”, nos meses de janeiro e julho, para proporcionar vivências com os visitantes e aproximá-los de temas relacionados à Saúde Pública, estudados pelo Instituto Butantan. A equipe de educadores busca desenvolver atividades que possibilitam ao participante uma experiência lúdica e educativa, ou seja, um momento em que os conhecimentos sobre saúde

e ciência são vivenciados, e não apenas ensinados. Em busca de metodologias alternativas, foi adotada a contação de histórias. Desde o primeiro experimento com essa expressão artística, a equipe notou que é possível despertar sentimentos e sentidos para aproximar o imaginário das pessoas dos conhecimentos de ciência e saúde trabalhados pelo Instituto Butantan.

Este relato de experiência tem o objetivo de apresentar a contação de histórias como uma expressão artística capaz de mediar assuntos científicos, bem como aproximar a sociedade de temas sobre saúde pública trabalhados pelo Instituto Butantan, a partir das experiências com esta arte entre os anos de 2009 e 2014.

## **2. Unindo arte e ciência com a contação de histórias**

A pesquisa de Percepção Pública de Ciência & Tecnologia no Brasil (MCTI, 2015) demonstra que grande parte da população pesquisada tem interesse em assuntos relacionados à saúde e medicamentos, que a ciência faz parte da rotina dos brasileiros e que depositam grande confiança na ciência como um fator determinante para melhoria da qualidade de vida e fonte de soluções para questões relacionadas à saúde, meio ambiente e energia. A ciência faz parte do dia a dia da sociedade e quando bem apresentada, pode instigar o imaginário individual e coletivo, promovendo o encantamento do mundo, que é o ato de ressignificar enigmas do cotidiano (Ianni, 2004).

A pesquisa indica também que apesar do interesse pela ciência, os brasileiros não possuem muitas vias de acesso às informações científicas, principalmente a população de baixa renda. Outro dado importante é que metade dos respondentes acredita que medicamentos e tecnologias médicas devem ser prioridade em estudos científicos (MCTI, 2015). Cabe aos centros de pesquisa oferecer canais para aproximação entre a população e a cultura científica, em específico o Instituto Butantan, sendo uma instituição científica, produtora de biofarmacos, que atua

na área da Saúde Pública, capaz de unir as principais preocupações da população relacionadas à ciência e saúde.

Uma das maneiras de realizar esta tarefa é abrindo suas portas, como o Instituto Butantan já faz por meio de seus museus. Para Jacobucci (2008), o museu é, também, um lugar de encantamento, onde a educação não formal pode oferecer vivências, descobertas e a oportunidade de trocas de ideias e de emoções. Contudo, não basta convidar o público e colocá-lo dentro das instalações, é necessário mediar e criar estratégias para aproximar o universo dos visitantes com o da instituição e estabelecer um canal de comunicação, por meio do qual informações sobre ciência e saúde sejam transmitidas de forma acessível e interessante.

A contação histórias, uma manifestação artística que pode provocar inquietações e gerar diferentes pensamentos para os questionamentos da vida coletiva e individual é um modo de contextualizar temas de ciência e saúde com o cotidiano das pessoas, bem como instigar a inteligência emocional, e buscar o encantamento descrito por Jacobucci e Ianni.

Tanto a ciência quanto a arte tratam de inquietações com suas linguagens específicas, promovem a fabulação e reflexão, interpretam o mundo em um determinado tempo como se fossem metáforas e frequentemente causam ou expressam questões em/de um coletivo, pois expõem algo que muitas vezes estava encoberto, invisível, estagnado, ou possibilitam outra visão, diferente daquela conhecida sobre algo do cotidiano (Ianni, 2004).

Gilka Girardello compartilha os pensamentos de Ianni, pois, para a contadora e pesquisadora, os exercícios da ciência e da arte necessitam da imaginação, geram questionamentos sobre fenômenos e movem a busca pelo conhecimento.

Ambas as formas de pensar usam experimentação, analogias, comparações e várias formas estéticas para explicar ou ilustrar um fato. Para Girardello (2011) a narrativa é uma mistura entre brincadeira e arte, um momento agradável e, por

isso, os ouvintes se envolvem emotivamente, se identificando com personagens, criando imagens e símbolos poéticos de temas relacionados à sua própria vida. Tal processo ocorre com facilidade na infância, quando a criança entra em contato com o conto, mas estas sensações reverberam por toda vida.

As imagens mentais geradas pelas narrativas estimulam um olhar estético, subjetivo e afetivo sobre as relações naturais e sociais, podendo despertar um pensar poético e também crítico sobre o viver. Assim, é fecundo o cruzamento entre arte e ciência que pode gerar nas pessoas uma “razão da emoção” e uma “sensibilidade do intelecto” (Girardello, 2011, p.87).

A contação de histórias é uma antiga forma artística de se expressar. Provoca um efeito reconfortante, pois existe o encontro com o outro (Grande, 2013). “As histórias penetravam fundo da alma e lhes preparavam o espírito” (Araújo e Taborda, 1963, p187). Atuar com a arte de contar histórias em uma instituição de pesquisas científicas pode humanizar a ciência e deixá-la mais atrativa e próxima dos conhecimentos populares e cotidianos e com isso é possível contribuir para aumentar a visitação em museus e feiras de ciência.

A contação de histórias com assuntos científicos pode despertar, por meio de sentimentos e sensações, a curiosidade e um interesse emocional pela ciência em pessoas de várias idades. Valorizando o conhecimento não-científico do cidadão e pelo uso da linguagem oral, acessível por grande parte da população, é possível tornar o ensino de ciências e a educação em saúde mais interessante e democrático. O educador e cineasta Edu Abad diz, no documentário *Experimentando a Arte Contemporânea: Educação (2011)*, diz que uma nova visão de mundo só ocorre quando existe uma identificação com as referências adquiridas ao longo da vida do indivíduo.

As histórias são facilmente compartilhadas pela oralidade e contribuem com a renovação do conhecimento cotidiano e científico, podendo empoderar até o cidadão não alfabetizado (Grande, 2013). Ampliar as visões sobre determinados assuntos, por

meio da arte de contar histórias, usando referências do conhecimento popular e do conhecimento científico, pode abrir caminhos e oferecer possibilidades de escolha aos indivíduos.

### **3. As contação de histórias no Instituto Butantan, a arte aproximando ciência e sociedade**

A contação de histórias no Instituto Butantan é um recurso de mediação usado desde 2009 para aproximar a sociedade das atividades do Instituto, despertar o interesse e a curiosidade por assuntos científicos e de saúde e divertimento. Seguem os relatos das experiências com a arte de contar histórias no Instituto Butantan.

### **4. Espaço de Leitura Butantan**

A primeira ação de contação de histórias aconteceu durante três meses do ano de 2009, aos finais de semana, ao ar livre, nas proximidades do Museu de Rua do Instituto Butantan. O projeto “Espaço de Leitura Butantan – Biblioteca Camila Cerqueira César” era organizado por funcionários do Butantan e da Biblioteca com objetivo de aproximar os usuários do parque do Instituto Butantan do hábito da leitura, por meio de oficinas, contação de histórias e consulta a livros de literatura infantil. Essa atividade foi pontual e sua duração foi breve, devido a dificuldades institucionais relacionadas a ambos os envolvidos. Contudo, a ação, mesmo sendo rápida, foi a precursora de outras atividades na instituição.

### **5. Contação de histórias com fantoches**

A estratégia da contação de histórias reaparece nas atividades culturais, com o surgimento do evento “Férias no Butantan”, que aconteceu entre 19 a 24 julho de 2011. A ideia foi retomada pela contadora de histórias profissional e técnica da biblioteca do Instituto Butantan, Vilma Cezar, funcionária que contribuiu com a organização do projeto de 2009, citado há pouco. A iniciativa estimulou um esforço

3.  
O Instituto Butantan foi a primeira instituição brasileira a produzir soros antiofídicos, sob a direção de Vital Brazil, em 1901. Atividade que permanece até os dias atuais e, desde essa época, origina e mantém várias linhas de pesquisa sobre serpentes e venenos (Camargo e Sant'anna, 2004; Martins, 2012).

coletivo de integrantes do Centro de Desenvolvimento Cultural para produzir uma contação de histórias a partir de um conto que dialogasse com as ações em saúde e científicas do Instituto Butantan. A equipe formada por três biólogas e uma historiadora, guiada pela contadora Vilma Cezar fez algumas reuniões para definir exatamente quais características do Butantan seriam buscadas nas histórias. A equipe se norteou pelo tema da pesquisa de venenos e serpentes, presente desde a criação da instituição<sup>3</sup>, e foi escolhida a história do livro *As serpentes que roubaram a noite*, de Daniel Munduruku (2001), um conto que explica o surgimento do veneno das serpentes e sua diversidade.

*As serpentes que roubaram a noite* conta a história de um indígena guerreiro que resgata a noite do domínio das serpentes, no início dos tempos, quando os índios viviam muito cansados, por terem somente o dia e não conseguirem dormir devido ao calor e à luz do sol. Durante a aventura, o guerreiro tenta trocar presentes de sua etnia, como um arco e flecha e um maracá, pela noite, que pertencia às serpentes. Algumas ofertas são aceitas pelas serpentes, que dão ao indígena uma noite rápida, tranquila, cheia de sonhos. Após essa noite, as serpentes dizem que só entregarão uma noite longa em troca de um jarro grande e cheio do veneno forte que só essa comunidade sabe preparar. O veneno é feito e entregue às serpentes que o trocam por uma noite longa, a qual está guardada em um recipiente que só deve ser aberto no meio da aldeia. Porém, no caminho entre a toca das serpentes e a comunidade indígena, alguns bichos aparecem, incluindo um papagaio apavorado e ansioso que derruba o recipiente das mãos do índio e faz acontecer uma noite escura, tempestuosa e cheia de pesadelos. Devido à escuridão, que chegou antes do previsto, as serpentes não conseguem distribuir o veneno de forma igualitária, gerando a diversidade de serpentes peçonhentas e não peçonhentas.

Sob a orientação de Vilma Cezar, quatro colaboradores do Centro de Desenvolvimento Cultural transformaram essa história em uma contação de

histórias com fantoches, seguida por uma conversa com os visitantes sobre os venenos das serpentes. O processo de escolha aconteceu em três etapas (Figura 1):

- Etapa 1: Definição das características da instituição conhecidas pela sociedade.
- Etapa 2: Definição de assuntos científicos relacionados ao Butantan, que poderiam aparecer em histórias.
- Etapa 3: Escolha da história com características do Butantan conhecidas pela sociedade.

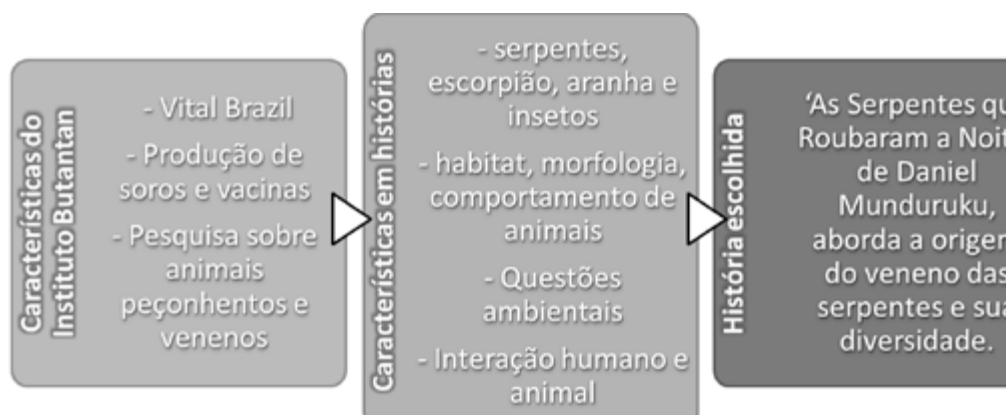


Figura 1. Modelo do processo de escolha da história (Novo Et al., 2014).

A escolha por essa história indígena tinha a finalidade de instigar a memória e o imaginário dos ouvintes, por meio de um enredo comum em contos populares, capaz de despertar a curiosidade sobre os objetos de estudo do Butantan: as cobras, os venenos e os acidentes ofídicos. Torres e Tattamanzy (2008) afirmam que a memória e a curiosidade dos ouvintes são estimuladas quando uma história popular é contada oralmente, pois identificam algo já conhecido, mas em outro contexto.

O texto foi adaptado para ser contado com a manipulação de fantoches e de um narrador. Quando foi decidido transformar os personagens em fantoches interpretados por pessoas fora do alcance da visão do público, a equipe sentiu a necessidade de inserir um narrador na história que ficaria fisicamente junto com os ouvintes, criando um vínculo entre o público e a história, ora incentivando o





Figura 2.  
Contação de histórias com fantoches e narradora Vilma Cezar à esquerda. Foto: Acervo do Instituto Butantan, 2011.

diálogo com o narrador, ora participando da história junto com os personagens (Figura 2).

A equipe se baseou em Barbosa e Santos (2009), que escrevem sobre a relação entre ouvintes e contador. Para os autores, um narrador tem a capacidade de criar um vínculo com os ouvintes, facilitando sua participação e atingindo o imaginário com diferentes assuntos. O narrador pode se expressar de formas diferentes que mudam e se adaptam a cada grupo de ouvintes, criando um vínculo único entre ouvinte-história-imaginário (Teixeira, 2006; Girardello, 2007).

## 6. Leitura em voz alta

Em 2012, o setor cultural dispunha de poucos colaboradores para a atividade de contação de histórias do evento “Férias no Butantan”, o que culminou na realização de contações rápidas, simples e sem o uso de fantoches. A contadora profissional Vilma Cezar realizou as contações e outras duas colaboradoras se envolveram com a preparação e escolha das histórias, que foram contadas a partir da leitura de livros infantis que tinham como personagem algum animal estudado pelo Instituto Butantan. Essa equipe definiu como objetivo aproximar as crianças e seus acompanhantes da leitura, da linguagem oral, da linguagem escrita e de objetos de

estudo da Instituição. Foram selecionadas uma história sobre sapos e duas sobre serpentes e aranhas. Seguindo técnicas e recursos descritos por Sousa e Bernardino (2011), as histórias foram contadas com poucos recursos estéticos, favorecendo a imaginação das crianças e, ao final, o livro era mostrado para despertar o interesse pelo ato de ler e pelo tema. Torres e Tattamanzy (2008) apontam como uma vantagem deste tipo de contação o despertar da curiosidade sobre a leitura e a escrita em crianças.

## 7. No palco com as crianças

Em 2013, alguns colaboradores dos museus do Butantan com experiência em narração e teatro propuseram uma nova formatação para a contação de histórias do evento “Férias no Butantan”, com o uso de palco, luzes, cenário, figurinos e a inserção de um contador mais performático e mais próximo do público (Figura 3). Tal formato de contação, segundo Girardello (2007), pode ser classificado como contação livre: narração rica em interações lúdicas, expressões faciais e corporais que estimula a imaginação dos ouvintes, principalmente crianças que ainda não sabem ler.

Figura 3.  
No palco com as crianças.  
História: ‘O Baratinha e a Borboleta’. Foto: Camilla Carvalho, Acervo do Instituto Butantan, 2013.



A equipe buscava despertar a curiosidade do público, frente aos assuntos científicos, por meio das emoções. Segundo Sousa e Bernardino (2011), tal objetivo pode ser alcançado com expressões corporais, entonação de voz e elementos cênicos. Para Torres e Tattamanzy (2008), o uso destas interações é o que define a contação de histórias, uma *performance* que envolve a atenção do ouvinte para o presente momento e estabelece o vínculo ouvinte-história-narrador.

Com base em bibliografia, cursos e experiências na área da contação de histórias, deste momento em diante, a equipe buscou instigar em suas ações a memória, o imaginário e a curiosidade, para levar os conhecimentos científicos de forma familiar, contextualizados com o cotidiano e com conhecimentos populares, a partir de técnicas didáticas, de teatro e de contação de histórias que renovavam e incitavam a atenção dos visitantes durante a apresentação. As principais características adotadas pela equipe para alcançar tais objetivos foram:

- elementos do conhecimento popular presentes no texto da história;
- elementos da ciência contextualizados com o cotidiano;
- narrador flexível que insere as contribuições do público na história, permitindo a manutenção do vínculo história-ouvinte-narrador;
- técnicas de interpretação com expressões corporais, deslocamento de contadores pelo espaço e outros;
- uso de palco, cenário, luzes, figurinos e afins; interações multissensoriais.

A figura a seguir ilustra os principais elementos que baseou os trabalhos da equipe nesta e nas ações seguintes de contação de histórias descritas neste relato.



Figura 4.  
Vínculo ouvinte-história-  
-narrador (Novo et al., 2014).

A fim de inserir as crianças pequenas de 3 e 4 anos de idade na programação do evento, a contação de histórias foi adotada com algumas estratégias citadas por Sousa e Bernardino (2011), como a participação ativa das crianças no conto e a utilização de objetos de apoio visual. O ato de tocar e manipular foram empregados em objetos que entravam em cena para integrar as crianças na história através de sua participação, como o toque em uma cobra taxidermizada e uma nuvem cenográfica feita de algodão. Além disso, antes do início da contação as crianças receberam asas e antenas de insetos para se vestirem e seguirem para o palco com cenário de floresta, como personagens da história.

Para aproximar mais ainda as crianças da história, elas eram organizadas em um círculo no palco junto aos contadores, para que o vínculo entre criança-história-contador fosse mais intenso, enquanto os acompanhantes ficavam no mesmo auditório, mas na plateia. A interação realmente aconteceu de forma intensa, em vários momentos da apresentação as crianças interagiram com os contadores e com os objetos cênicos. Porém essa estratégia demonstrou algumas falhas quando as crianças eram distanciadas dos pais, amigos e acompanhantes. Algumas ficavam agitadas ou com medo. A movimentação das crianças no palco e o choro por ficarem distantes

dos pais causaram desconforto nos contadores, que precisavam mudar o texto e improvisar em determinados momentos para levar as crianças até os pais na plateia e continuar a história.

Outra mudança fundamental ocorreu no período de preparação dos contadores, pois foi necessário ensaiar por mais tempo para essa contação do que nos eventos anteriores. Um mês antes do evento, a equipe iniciou o estudo da história e os ensaios considerando a entonação de voz, movimentação do corpo, deslocamento de palco, o uso de objetos e outros aparatos multissensoriais. Para Girardello (2007) e Torres e Tattamanzy (2008), quanto mais se conta uma história, mais um contador se apropria da história, ou seja, mais segurança adquire sobre a narração, que deve ter um ritmo harmonioso e entonação no momento correto, para possibilitar que o ouvinte identifique e ative as emoções que causarão fuga e volta para realidade, contribuindo para o pensamento lógico e imaginário. Segundo Abramovich (1991) citado por Sousa e Bernardino (2011), para alcançar essa consciência no ato de contar, deve-se fazer preparos e ensaios.

O tema dessa edição do evento “Férias no Butantan” era “A natureza e suas formas”, que deu base para equipe pesquisar e escrever os contos. O processo de produção dos textos ocorreu basicamente em três etapas: primeiramente a equipe buscou conceitos científicos que dialogassem com o tema do evento e com os trabalhos do Instituto Butantan e, assim, foram escolhidos os conceitos metamorfose e ciclo da água, sendo o primeiro relacionado com os estudos sobre *lepidópteros* desenvolvidos pelo Butantan e o segundo relacionado com o tema do evento, devido os diferentes estados físicos em que a água é encontrada na natureza. Na segunda etapa, a equipe pesquisou histórias que tratassem sobre estes assuntos e foram encontrados dois livros: *Flofi, a nuvem teimosa*, de Denise Ruiz (2005), e *El Maleficio de La Mariposa*, de Federico Garcia Lorca (1999). Na terceira etapa, a equipe estudou as histórias e as usou como inspiração para escrever seus

próprios contos: “A nuvem e o vento” e “O Baratinha e a Borboleta”.

O conto “A nuvem e o vento” dialogava com o ciclo da água de forma sutil e divertida, através da história de uma nuvem que não queria chover, mas choveu e chorou de felicidade ao receber ajuda de seu amigo vento e das crianças que participavam da contação, soprando a nuvem de volta para o céu. Também dialogava com a diversidade de animais estudados pelo Instituto Butantan, como pássaros e cobras, além da apresentação de uma serpente de importância médica, a cascavel. Durante a aventura, que se passa em uma floresta (cenário do palco), alguns conceitos científicos foram incluídos e tratados de forma lúdica, como a diversidade de animais que aparece na forma de sons de apitos representando os pássaros, som de chocalho e uma cascavel taxidermizada que remetiam a características da morfologia deste réptil. O ciclo da água foi ilustrado por diferentes estímulos táteis e sonoros: a nuvem para o toque, objeto cênico feito com revestimento de algodão e enchimento de jornal que subia e descia do teto do auditório durante a história, borrifadores de água e o som do instrumento pau-de-chuva, que simulavam o estado líquido da água. O vento, elemento dinâmico, foi interpretado por um contador, sempre em movimento, e sua figura foi reforçada com outra interação tátil: um ventilador ligado sobre as crianças somente nas cenas deste personagem.

O conto “O Baratinha e a Borboleta” foi escrito para abordar o conceito de metamorfose e a desmistificação do inseto barata. A história colocou este animal como personagem principal, de personalidade meiga, reflexiva, que pedia a ajuda das crianças para completar um poema e adivinhar o que seria um objeto misterioso achado na floresta: um ovo cênico de borboleta do qual, na história, nascia uma lagarta, que formava um casulo e se transformava em borboleta. Neste conto não havia estímulos multissensoriais e a interação era promovida pelo constante diálogo entre personagem e crianças discutindo as etapas da metamorfose. Este conto foi escrito também para dialogar com os estudos sobre

artrópodes que a instituição realiza no biotério de baratas e a produção do soro antilonômico, usado em acidentes com lagartas urticantes, pertencentes ao gênero *Lonomia*.

Durante o evento “Férias no Butantan” de janeiro de 2013, essas histórias foram exibidas separadamente, em horários e dias distintos, porém em eventos posteriores elas foram unidas com alterações no texto e passaram a ser dois contos do mesmo universo, sendo um continuação do outro. Tal mudança aconteceu devido às sugestões realizadas pelos próprios visitantes, crianças e adultos, que apontaram a rápida duração das contações e a vontade de assistir outras.



Figura 5.  
Cortejo musical. Foto: Camilla Carvalho, Acervo do Instituto Butantan, 2013.

Como forma de avaliação, um caderno de sugestões era deixado à disposição dos visitantes para registro de comentários, sugestões e críticas. Foi interessante observar que alguns conceitos e ideias citados nas histórias reapareciam nos registros, como metamorfose e “borboleta que sai do casulo”. Os registros dos visitantes nortearam muitas mudanças tomadas pela equipe para melhoria da atividade, como aumento do tempo de duração da contação, a inclusão de mais elementos de interação e a

elaboração de estratégias de divulgação momentos antes das sessões. A partir destas observações, as contações seguintes aconteceram com mais interações direcionadas às crianças e acompanhantes. Por exemplo, elaborou-se um cortejo musical como forma de divulgação que anunciava a contação de histórias percorrendo o parque com músicos, cantores e uma alegoria de cobra de sete metros, que interagiam e chamavam os visitantes para o evento (Figura 5).

## **8. Interações multissensoriais na contação de histórias**

Em 2013, formou-se um grupo de contação de histórias composto por nove educadores de três museus interessados em aproximar ciência e sociedade, por meio desta prática artística. Com formação acadêmica multidisciplinar, composta por profissionais graduados, pós-graduados e estagiários das áreas de História, Biologia, Pedagogia e Geografia, o grupo se reunia uma vez por semana para práticas de exercícios corporais e de voz comandadas pelos integrantes com experiência em teatro, além de discutir textos acadêmicos sobre contação de histórias e educação. Nessas reuniões, o grupo discutia e elaborava as apresentações do evento “Férias no Butantan”. A necessidade de informações sobre a prática da contação de histórias impulsionou alguns membros do grupo a frequentarem rodas de histórias, palestras, oficinas sobre o tema e realizarem visitas técnicas em museus que usam a contação de histórias como estratégia de mediação.

Para a sexta edição do evento, que ocorreu em janeiro de 2014, foi elaborada uma ‘contação de histórias multissensorial’, ou seja, uma apresentação com interações entre público e narradores com diálogos e efeitos que exploram os sentidos da audição, do tato e olfato. Optou-se pela contação de histórias interativa e multissensorial porque, segundo Scalfi e Micaldas (2014) e Moreira (2013), a prática pode estimular o raciocínio e as emoções, os quais podem ajudar no despertar da curiosidade sobre a ciência por parte do público. Além disso, essa escolha se



baseou nos apontamentos do público registrados no caderno de sugestões, que elogiavam e pediam mais interações multissensoriais e também nos pontos positivos e negativos levantados pela equipe, após as apresentações anteriores.

Já existia um anseio da equipe para contar novamente a história “As serpentes que roubaram a noite”, mas sem o uso de fantoches, transformando os personagens em contadores que os interpretariam no palco (Figura 6).

Figura 6.  
“as serpentes que roubaram a noite”. Foto: Acervo do Instituto Butantan, 2014.



A adoção destas práticas e outras, como o uso de iluminação e cenário, deram à apresentação uma característica teatral. O grupo acreditou que isto seria mais uma tática de comunicação e que ajudaria a alcançar um de seus objetivos: enfatizar elementos da ciência produzida no Butantan, bem como

do conhecimento popular e aproximá-los do público. Para Grande (2013) a iluminação, o cenário e objetos cênicos, reforçam e materializam algumas passagens do história. Tais ideias coincidem com as observações de Moreira (2013), que escreve que o entendimento de temas relacionados à ciência pode ocorrer por meio de diversas estratégias de comunicação, incluindo o teatro. Em sua pesquisa sobre teatro e museus de ciência, Moreira (2013) constata que o teatro com a temática científica pode promover a alfabetização científica e contribuir para a formação de um cidadão crítico frente às questões de ciência que influenciam seu cotidiano.

Para transformar a narrativa em algo divertido, educativo, interativo e instigante ao público, a equipe se organizou em 3 etapas de trabalho originadas a partir dos seguintes questionamentos: “Quais assuntos científicos podem ser contemplados no texto?”, “O que será necessário para contação da história?” e “Como será a interação com o público?”.

### **1º etapa: Estudo de dados científicos e elaboração do texto**

Criou-se um personagem para abertura e fechamento da apresentação, Vital Brazil (primeiro diretor do Instituto Butantan), que dialogava com os ouvintes sobre temas científicos como diversidade de serpentes, tipos de venenos e história da instituição. Vital Brazil chamava para o palco um narrador-personagem que interpretava um indígena contador de histórias, que narrava a saga a pedido de Vital Brazil. O texto original da história “As serpentes que roubaram a noite” não sofreu muitas modificações; sua estrutura foi mantida, porém a história foi adaptada com um tom feminista, com foco no poder da mulher, transformando o herói em heroína, uma índia guerreira.

## **2º etapa: Escolha de cenário, elementos cênicos, figurinos**

Utilizou-se o mesmo cenário da contação do evento anterior, “A nuvem e o vento”, uma floresta feita com tecidos de elastano marrom e barbantes verdes que imitavam três árvores, além de material orgânico achado no parque do Instituto Butantan, como galhos, folhas e flores que eram espalhados no chão para simbolizar a serrapilheira.

O palco foi dividido em duas partes, uma destinada à toca da Surucucu e outra destinada à comunidade indígena. A toca era iluminada com luz verde escura, que simbolizava uma densa floresta e possuía mais elementos que imitavam o habitat da serpente surucucu. Já o outro lado era iluminado com luz amarela que simbolizava o calor e a claridade do dia, e decorado com esteiras e cortinas de palhas que representavam a aldeia. O narrador se posicionava no meio dos dois ambientes, sentado à beira do palco para manter-se mais próximo e estabelecer um diálogo com o público.

Foram escolhidos como elementos cênicos poucos objetos que, enquanto não entravam na história, compunham o cenário da comunidade; e que, depois, seriam manipulados pela narradora-personagem Jurema, a índia guerreira, como o arco e flecha, o maracá, o jarro de veneno e a bolsa que eram presentes trocados entre as personagens Surucucu e a Guerreira.

Os figurinos eram discretos, como camisetas, shorts e vestidos de cores neutras e sem estampas, já que se tratava de uma contação de histórias e não de teatro; apesar do uso do palco e da iluminação, a equipe queria focar na voz e na história, além de não cair no erro de reforçar uma figura estereotipada do indígena.

Para instigar a curiosidade e tentar desmistificar a figura da serpente, optou-se por manter o uso de um fantoche na história, para representar a personagem Surucucu. Foi encomendado um fantoche grande de cobra (1,5 metro de comprimento), feito com tecido de textura e brilho semelhantes aos da

pele das serpentes. A ideia original de fazê-lo com as cores da surucucu foi abandonada, pois se o fantoche fosse reutilizado em outras atividades, poderia representar somente uma cobra, então escolheu-se uma estampa de pele de cobra que não se relacionava à uma espécie específica.

### **3º etapa: Busca por interações multissensoriais, estímulos sonoros, táteis e visuais**

Em uma das apresentações da contação “A nuvem e o vento”, um dos membros do grupo promoveu as interações multissensoriais que eram realizadas com as crianças no palco, com os pais e acompanhantes que ficavam na plateia. O retorno foi positivo e, com isso, criou-se uma subequipe para a realização das interações multissensoriais com a plateia que produziu dos efeitos visuais, táteis e sonoros, a saber:

- Interações visuais: mudanças de imagens projetadas no fundo do palco como floresta, sol, noite estrelada e noite tempestuosa. Todas as luzes do auditório eram apagadas durante os momentos de noite da história.
- Interações táteis: durante a parte da história em que acontece uma noite calma e tranquila foram usadas pistolas de bolhas de sabão sobre o público, pois o toque das bolhas na pele era suave, provocando um estímulo visual calmante. O estímulo tátil da noite tempestuosa ficou por conta de borrifadores que a equipe usava para espirrar jatos de água na plateia.
- Interações sonoras: sons da noite eram concebidos por apitos que imitavam o canto de pássaros noturnos, sons de trovão produzidos por folhas de radiografia e um estouro de confete que mesclava efeitos sonoro e visual e representou a quebra do jarro e o escape da noite tempestuosa.

#### 4. Considerações finais

O Caderno de Sugestões tornou-se uma ferramenta de documentação que possibilitou o registro da compreensão e aceitação do público relativa à atividade. No geral, foram expressas críticas positivas e/ou construtivas que deram base para o aperfeiçoamento do grupo e, posteriormente, à inserção da estratégia lúdica da contação de histórias em outras práticas educativas dos museus do Butantan. Ao longo das apresentações, notou-se, por meio de conversas e anotações no Caderno de Sugestões, que os visitantes citaram e questionaram os assuntos científicos e de saúde relacionados com os trabalhos do Instituto Butantan, além de expressarem ansiedade para assistir e participar de futuras atividades de contação de histórias no Butantan. Esses registros demonstram algumas vantagens de explorar tais temas sob a perspectiva artística, como a sensibilização do público frente a assuntos científicos, além da motivação e curiosidade por participar de mais atividades como estas.

Esse resultado vai ao encontro da afirmação do contador de histórias Giba Pedrosa (2013), de que a arte de contar histórias pode envolver vários temas específicos, por isto se relaciona e se faz presente no dia a dia. Um dos objetivos da equipe foi alcançado - aproximar a ciência, a saúde e outros assuntos relacionados ao Instituto Butantan com a vida dos visitantes. Para Grande (2013), essa capacidade da contação de histórias de se mesclar assuntos com a vida, proporciona a reflexão e instiga o diálogo, portanto é possível colocar a ciência na realidade dos visitantes.

A equipe também considerou como um subproduto do trabalho o surgimento de uma segunda atividade, o cortejo musical que promovia a intervenção no parque, anunciando a contação com músicos, cantores e uma alegoria de cobra. Notou-se durante a participação dos visitantes nas ações de contação de história e cortejo musical que estavam sensibilizados e emotivos, sugerindo que o Butantan se tornara naquele momento, um lugar de

encantamento, que segundo Jacobucci (2008) e Ianni (2004), um espaço onde é possível dar novos significados ao mundo, a partir da linguagem poética e dos conhecimentos científicos.

Devido a constante rotatividade de colaboradores, hoje a equipe que desenvolveu as ações descritas neste relato, mudou quase que totalmente. Contudo, a contação de histórias continua sendo utilizada no Instituto, em diferentes ações e sendo bem aceita pelos participantes.

## Referências Bibliográficas

- ARAUJO A.M., Taborda V.J. (seleção e introdução). **Antologia ilustrada do folclore brasileiro: estórias e lendas paulistas**. São Paulo: Gráfica e Editora EDIGRAF Ltda. 1963.
- Barbosa CJ, Santos LR da S. Contação de histórias para crianças dos anos iniciais. *Revista FACEVV, Vila Velha*, 2009, 3. Disponível em: <<http://unicnecosorio.cneec.br/wp-content/uploads/sites/52/2015/10/CONTA%C3%87%C3%83O-DE-HIST%C3%93RIAS-PARA-CRIAN%C3%87AS-DOS-ANOS-INICIAIS.pdf>> Acesso em: 8 fev 2018.
- CAMARGO E.P., SANT'ANNA A.O. Institutos de pesquisa em saúde. *Ciência Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 2004;9(2). Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pi81232004000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pi81232004000200008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 19 fev. 2017. **Experimentando a Arte Contemporânea: Educação**. Direção: Marco Del Fiol, Jasmin Pinho. São Paulo: Mão Direita; Casa Redonda, 2011. Webvideo (25 min.) son., color. (VÍDEOBRASIL - SESCTV)
- GIRARDELLO G. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. In: FRITZEN C., CABRAL G.S. (orgs). **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas: Papirus; 2007. p. 39-58.
- GIRARDELLO G. Imaginação: arte e ciência na infância. *Pro-Posições*. Campinas, 2011, 22(2), 72-92. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072011000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000200007) Acesso em: 1 jul. 2016.
- GRANDE S. A narração de Histórias e o teatro: a busca de uma arte sensível. In: LACOMBE A.L. de M. **Teias de experiências: reflexões sobre a formação de contadores de histórias**. São Paulo: CMSB; 2013. p. 41-47.
- IANNI O. Variações sobre arte e ciência. *Tempo soc*. São Paulo, 2004; 16(1):7-23. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/>

- S0103-20702004000100001>. Acesso em 1 jun 2016.
- IBANEZ, N.; WEN, F.H.; FERNANDES, SC. G. Instituto Butantan: história institucional. Desenho metodológico para uma periodização preliminar. **Cadernos de História da Ciência**, São Paulo, 2005; 1(1):115-144.
- JACOBUCCI D.F.C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a Formação da cultura científica. Em *Extensão*, Uberlândia, 2008, 7(1). Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390/0>. Acesso em 2 jul 2016.
- LORCA F.G. *El maleficio de la mariposa*. Madrid: Cátedra; 1999.
- MARTINS L.C. (Coord.). *Visitando o Instituto Butantan: guia para professores*. São Paulo: **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, 2012. p.3-5.
- MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. *Percepção pública da ciência e tecnologia 2015. Ciência e tecnologia no olhar dos brasileiros*. Sumário executivo. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2015. Disponível em: <<http://percepcaocti.cgee.org.br/wp-content/themes/cgee/files/sumario.pdf>>. Acesso em: 25 ago 2017.
- Moreira LM. *O teatro em museus e centros de ciências: uma leitura na perspectiva da alfabetização científica*. [Tese]. São Paulo (SP): Doutorado em Educação - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2013.. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04112013-114701/>>. Acesso 19 Fev 2017.
- NOVO J., TAKETA D.T.O., MAGALHÃES M.F., SANT'ANNA JUNIOR O., PEREIRA M.M.G. *Storytelling as an strategy to awake curiosity concerning scientific matters: A report about the exhibition "As Serpentes que Roubaram a Noite" (The Snakes tht Stole the Night) presents at Butantan's Vacation Week, 2014*. Trabalho apresentado à 16ª Reunião



- Científica Anual do Instituto Butantan, São Paulo, 2014.
- MUNDURUKU D. **As serpentes que roubaram a noite**. São Paulo: Peirópolis; 2001.
- PEDROSA G. No caminho com as histórias: do encontro ensimesmado e outras reflexões. In: LACOMBE A.L. de M. **Teias de experiências: reflexões sobre a formação de contadores de histórias**. São Paulo: CMSB, 2013. p. 73-79.
- RUIZ D. **Flofi, a nuvem teimosa**. São Paulo: Evoluir Cultural; 2005.
- SCALFI G.A.M., MICALDAS A. A arte de contar histórias como estratégia de divulgação da ciência para o público infantil. **Educação, Ciência e Cultura**, 2014; 19(1):107-21.
- SOUSA O.L.; BERNARDINO A.D. A Contação de Histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Revista de Educação Educere et Educare**. Cascavel, 2011; 6(12). Acessado em 04/02/2015. Disponível em: <e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/.../4643/4891>.
- TEIXEIRA AP. **Contador de histórias: protagonista no mundo da imaginação**. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Goiânia (GO): Curso de Artes Cênicas na modalidade Bacharelado - Universidade Federal de Goiás, 2006.. Disponível em: <[https://www.emac.ufg.br/up/269/o/Ana\\_Paula\\_Teixeira\\_-\\_TCC\\_corrigido\\_final.pdf](https://www.emac.ufg.br/up/269/o/Ana_Paula_Teixeira_-_TCC_corrigido_final.pdf)>. Acesso em: 8 fev 2018.
- TORRES S.M., TATTAMANZY A.L.L. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literatura**. Porto Alegre, 2008; 4(1):1-8.

Data de recebimento: 31/03/2017

Data de aprovação: 04/12/2017